

NAVEGANDO CONTRA A CORRENTE: O PAPEL DOS ESCRAVOS E DA FLORA AFRICANA NA BOTÂNICA DO PERÍODO COLONIAL*

*Judith CARNEY***

*O Brasil fornecia milho, feijão, mandioca, caju,
mamão e abacaxi; A Índia, arroz, coco... A
África... contribuía com nada importante.*

Orlando Ribeiro, 1962

*Se a África parece ter contribuído pouco para
outros continentes é porque ela está apenas
começando a tornar-se conhecida.*

Roland Portères, 1970

RESUMO: O caráter revolucionário das trocas ecológicas e botânicas que sucederam a expansão marítima Européia pós 1492 é hoje largamente reconhecido. Não obstante, a literatura que estuda as trocas culturais e comerciais do período pós-Colombiano permanece omissa no que se refere à disseminação alhures de plantas nativas da África e aos meios pelos quais isto ocorreu. Para reverter esta corrente, como revela este artigo, torna-se necessário que se caracterize o papel que o comércio transatlântico de escravos teve na dispersão destas plantas, assim como a importância que os escravos africanos desempe-

(*) Gostaria de expressar minha gratidão a Quirino de Brito pela forma judiciosa com que traduziu este artigo para o português.

(**) Departamento de Geografia. Universidade da Califórnia. USA. Email: carney@geog.ucla.edu.

nharam na consolidação de gêneros alimentícios básicos da culinária das Américas. Ao dar destaque à diáspora africana, enquanto um fenômeno que envolve tanto pessoas quanto plantas, coloca-se ênfase nos sistemas primitivos de conhecimento africano. A expressão destes sistemas de conhecimento na coesão de comunidades inteiras de africanos reflete formas particulares de relações de poder, preferências alimentares, identidade cultural, e disputas sobre o processo de trabalho. Ao dar relevo às plantas africanas estabelecidas nas Américas, este artigo procura corrigir uma distorção comum em narrativas sobre as trocas transatlânticas: a insistência em enfatizar o papel dos europeus na disseminação de plantas a nível intercontinental e em valorizar produtos agrícolas de origem Ameríndia e Asiática em detrimento da contribuição africana. O objetivo deste trabalho é promover o resgate histórico do papel da África na botânica colonial.

Palavras-chave: Diáspora africana; Plantas africanas; Trocas pós-colombianas; Escravidão; Alimentação; Identidade.

INTRODUÇÃO

Entre os séculos XVI e XVII os continentes Americano, Asiático, Africano e Europeu viveram momentos de trocas botânicas e ecológicas que poderiam ser consideradas revolucionárias. A intensidade e riqueza destas trocas, entre sociedades tornadas desiguais em decorrência do processo de conquista e colonização, são apenas parcialmente discutidas na literatura que examina as trocas comerciais e culturais do período pós-Colombiano; esta tradição acadêmica tende a enfatizar as sementes e grãos de origens Ameríndia, Européia e Asiática e o papel que os europeus tiveram em sua disseminação a nível intercontinental. Este artigo visa discutir esta omissão ao focalizar o papel dos escravos africanos no estabelecimento, nas Américas, de produtos alimentícios e plantas medicinais de origem africana.

De início, poder-se-ia afirmar que os africanos tiveram um papel ativo na formação do mundo Atlântico moderno a partir das grandes descobertas. Até a terceira década do século XIX os africanos cruzaram o Atlântico em números superiores aos europeus, apesar de terem sido forçados a fazê-lo acorrentados. Apesar de os povos africanos e seus descendentes terem desempenhado papel central no desenvolvimento econômico das Américas por mais de três séculos, a sua contribuição nas trocas de produtos agrícolas e botânicos tem merecido pouca atenção. Entre os novos habitantes das Américas, os africanos trouxeram consigo a experiência adquirida no cultivo de plantas tropicais e agricultura, e estas plantas contribuíram para a sua sobrevivência. Portanto, concepções que procuram traçar um perfil do escravo enquanto um agente passivo do processo de transformação da terra merecem ser revistas.

A diáspora africana certamente envolve plantas e pessoas. Este artigo focaliza as plantas de origem africana que foram estabelecidas durante o regime de produção agrícola de base escravocrata. Na sua maioria, estas plantas cruzaram o Atlântico nos carregamentos de navios negreiros como provisões alimentícias, produtos medicinais, ou para usos gerais. Após resistirem a longas viagens transatlânticas, estas plantas são cultivadas nas áreas de plantio de subsistência dos escravos, em hortas caseiras, e em plantações desenvolvidas nos mocambos pelos negros libertos. Ao traçar o perfil das plantas africanas que sobrevivem ao comércio escravocrata transatlântico e do papel exercido pelos escravos na sua consolidação, este artigo visa fornecer subsídios ao estudo das trocas comerciais e culturais que passam a ocorrer no período pós-Colombiano. Conseqüentemente, o objetivo deste trabalho é promover a recuperação histórica do papel da África na botânica do período Colonial.

ORIGENS AFRICANAS, PLANTAS DO NOVO MUNDO

Três séculos de exploração agrícola em regiões semi-áridas do deserto de Saara contribuíram para a diversidade de recursos botânicos que passaram a nutrir os sistemas de conhecimento agrônômico de milhões de indivíduos forçados à sua fixação involuntária nas Américas. No período de oito a três mil anos atrás, os povos africanos responderam às flutuações climáticas com uma revolução agrícola, domesticando nove tipos de cereais, uma meia-dúzia de raízes, nozes, e verduras, juntamente com outras plantas destinadas a fins medicinais e utilitários. A domesticação de plantas ocorreu nos seguintes lugares: 1) Nas savanas do oeste africano, que se estendem do alto da Costa da Guiné até o Lago Chad, e ao longo dos alagados dos principais rios da região; 2) na floresta tropical das regiões oeste e centro africano, da Nigéria aos Camarões, e em direção sudeste rumo à Bacia do Congo; e 3) nas savanas do leste africano, que vão do Sudão às montanhas da Etiópia e Uganda. A listagem anexa dá destaque a alguns produtos cultivados em cada um destes centros de origem de plantas africanas.

Entre os produtos cultivados nas savanas do leste africano e, posteriormente, disseminados pelas Américas, através do comércio transatlântico de escravos, incluem-se o café, sorgo, feijão, e duas espécies de gramináceas Africanas (*Panicum maximum* e *Brachiaria mutica*), possivelmente utilizadas como forragens em navios negreiros¹. Incluem-se entre os produtos originários do oeste africano, o milhete, quiabo, andu, inhames brancos e amarelos da Guiné, fei-

(1) PARSONS, James J. Spread of African Pasture Grasses to the American Tropics. *Journal of Range Management*, 25: 12-17, 1972.

irão fradinho, hibisco, melancia, tamarindo, pimenta malagueta, a maçã *akee*, a noz-de-cola, azeite de dendê, o baobá, e arroz africano.

Os recursos botânicos dos povos africanos e de seus descendentes, nas Américas, incluíam, também, produtos medicinais originários da África. Sobres-saem-se, entre as plantas introduzidas pelos africanos devido a suas proprieda-des curativas, a *momordica charantia*, *Hibiscus sabdariffa*, *Cannabis sativa*, *Ricinus communis*, *Kalanchoe integra*, *Cola acuminata* e *C. Nitida*².

Freqüentemente abandonados aos seus próprios recursos no tratamento de suas doenças, os escravos desenvolveram uma rica farmacopéia baseada em plantas e que sobrevive, até hoje, na crença popular de populações inteiras do Caribe. Várias plantas pertencentes a esta tradição médica são nativas da África. De uma lista de aproximadamente 82 plantas comumente citadas em compên-dios de plantas medicinais caribenhas, 43 delas são naturais da África³. Outras, pertencem a um grupo de distribuição mais ampla, cujas propriedades medici-nais os escravos reconheciam e as empregavam com fins semelhantes no Novo Mundo. Algumas referências históricas têm registrado o papel desempenhado por raizeiros, curandeiros e parteiras, assim como a dependência destes no uso de raízes e plantas no tratamento de doenças⁴. *Rauwolfia* spp, uma espécie de tranqüi-lizante, foi amplamente utilizada na África e no Caribe. *Euphorbia* spp. servia para aliviar resfriados, indigestão e dores em geral. Uma outra espécie, chamada *Quassia*, era de grande importância na redução de febres, numa época de febres tropicais letais. Este último é, na verdade, o único gênero de plantas que especificamente reconhece a contribuição que os escravos trouxeram às Américas. Seu nome tem

-
- (2) BERLEANT-SCHILLER, R. and PULSIPHER, L. Subsistence Cultivation in the Caribbean. *New West Indian Guide*, 60, n.º 1&2:1-40, 1986; COE, Felix G. and ANDERSON, Gregory J. Ethnobotany of the Garifuna of Eastern Nicaragua. *Economic Botany*, 50, n.º 1:71-107, 1996; KIPLE, K.F. and ORNELAS, K.C. *The Cambridge World History of Food*. 2v. Cambridge: Cambridge University Press, 2000; POLLAN, Michael. *Botany of desire: A plant's eye view of the world*. New York: Random House, 2001; VOEKS, Robert. *Sacred leaves of candomblé*. Austin: University of Texas, 1997. A noz-de-cola é um estimulante não-alcoólico com propriedades medici-nais e que teve muita importância, principalmente para os escravos muçulmanos africa-nos. Somente em época mais recente esta noz passa a ter valor comercial como um ingre-diente chave na fabricação de refrigerantes. Ver PENDERGRAST, Mark: *For God, Country and Coca-Cola: The definitive history of the great American soft DRINK and the company That makes It*. New York: Basic Books, 1993.
 - (3) CARNEY, Judith. African ethnobotany in the circum-Caribbean region. *Journal of Ethnobiology*, forthcoming.
 - (4) SAVITT, Todd L. *Medicine and slavery: The diseases and health care of blacks in antebellum Virginia*. Urbana: University of Illinois Press, 1978; LAGUERRE, Michel. *Afro-Caribbean folk medicine*. South Hadley, Mass.: Bergin & Garvey Publishers, 1987; POLLITZER, William S. *The Gullah people and their African heritage*. Athens: University of Georgia Press, 1999.

origem em Quassi, um escravo transportado do oeste africano ao Suriname, o qual disseminara suas propriedades curativas em torno de 1730. Quando esta espécie foi mostrada a Linnaeus em 1761, este passou a chamá-la de Quassi, em tributo a Quassi, desta forma imortalizando sua contribuição⁵.

Entre os recursos botânicos utilizados pelos escravos incluíam-se também plantas usadas como veneno. Durante todo o período em que durou a escravidão nas grandes plantações agrícolas os proprietários das terras temiam ser envenenados por seus escravos cativos, ainda que tal prática não tenha tido as mesmas proporções que o medo propagado pelos brancos⁶. A *Strychnos* spp., por exemplo, é tida como pertencente a este grupo de plantas usadas como fonte de veneno na costa do Atlântico africano.

A rica herança botânica e agrícola desenvolvida pelos escravos foi produto de diversos sistemas étnicos de conhecimento e, também, influenciada pela mulher africana. Por exemplo, as curandeiras e enfermeiras negras possuíam experiência no uso das plantas enquanto recursos úteis no tratamento de doenças; e técnicas usuais de processamento de cereais, de culinária, descritos como trabalho feminino no oeste africano, são transferidas às fazendas escravas nas Américas⁷. Os escravos africanos apropriaram-se desta herança cultural para preservar sua subsistência, sobrevivência, rituais, resistência, e memória nos ambientes tropicais e sub-tropicais de seus confinamentos.

A ÁFRICA E AS TROCAS PÓS-COLOMBIANAS

O café constitui um exemplo pouco comum de plantas de origem Africana que os europeus estabeleceram nas Américas. Embora o café tenha sido domesticado na Etiópia, sua fermentação e processamento para o consumo tal como o conhecemos hoje é atribuído aos lemenitas. Enquanto estimulante permitido pelo Islamismo, o café e as *cofeehouses* proliferaram-se pelo mundo muçulmano; e é exatamente no contato com a cultura muçulmana que os europeus defrontam-se com este produto pela primeira vez. Após a obtenção de grãos de café, na península Arábica, durante o século XVI, os europeus perceberam o seu poten-

-
- (5) Esta planta é usada, até hoje, pelos Garífunas da América Central, no tratamento de picadas de cobra. Os Garífunas são descendentes de escravos fugitivos que acabaram casando-se com os índios Carib.
 - (6) APTHEKER, Herbert. *American negro slave revolts*. New York: International Publishers, 1970 [1943]. GENOVESE, Eugene. *Roll Jordan roll: The world that slaves made*. New York: Random House, 1972.
 - (7) CARNEY, Judith. *Black rice*. The African origins of rice cultivation in the Americas. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2001a;

cial econômico e iniciaram o desenvolvimento de várias plantações em Ceilão e Java; já pelo século XVIII – e através do trabalho escravo - esta atividade era desenvolvida no Caribe e em Caiena⁸. O café, introduzido nas Américas pelos europeus, ilustra a situação em que um produto africano entra para a histórica econômica internacional via Europa, apesar dos europeus acreditarem que a sua origem vem do mundo muçulmano.

A literatura sobre o intercâmbio comercial e cultural durante período pós-Colombiano inadvertidamente relega o sucesso da botânica Africana às margens da história internacional das plantas. A África é caracterizada como um universo botânico insignificante, muito mais como receptora do que como fornecedora de plantas de valor transcontinental. Ao mesmo tempo, hoje tem-se como irrefutável o impacto revolucionário que as plantas de origem Ameríndia (i.e. milho, mandioca e amendoim) tiveram no sistema alimentar africano. Mas, mesmo assim, muitas plantas Africanas, a exemplo do arroz, têm sido consideradas de origem Asiática, apesar de evidências em contrário. Um levantamento das trocas de plantas Africanas na pré-história aponta para uma contribuição Africana de dimensões intercontinentais e para o reconhecimento tardio destas origens.

As plantas tropicais do Velho Mundo fazem parte da História Antiga de trocas botânicas entre a África e a Ásia (principalmente no comércio com a Índia). O tamarindo, [óleo de castor], quiabo, melancia, sorgo, milhete [pérola], feijão [hyacinth], e o andu (que pode ser dividido, como a lentilha, e transformado em [dahl]) servem de exemplos de produtos agrícolas originários da África e que foram disseminados pela Ásia entre um a três mil anos atrás; mas, que são frequentemente considerados produtos Asiáticos. Após sua chegada na Índia, milhares de anos atrás, o sorgo e o milhete tornaram-se produtos de intensa experimentação e cruzamentos antes de seu eventual retorno à África, agora já transformados em novas variedades híbridas. Bem antes da chegada dos europeus e das trocas inter-continetais, o cultivo de produtos agrícolas Africanos já havia revolucionado os sistemas de suprimento de alimentos da Índia⁹.

De forma similar, várias plantas nativas da Ásia – tanto alimentícias como medicinais – seguiram para a África no milênio que antecedeu as primeiras trocas comerciais com o Novo Mundo. Este momento mais remoto de migração de plantas Asiáticas para a África, ao qual nos referimos como a era *monsoon* de

(8) DICUM, Gregory and LUTTINGER, Nina. *The coffee book: Anatomy of an industry from crop to the last drop*. New York: New Press, 1999.

(9) VAUGHAN, J.G. and GEISSLER, C.A. *The new Oxford book of food plants*. Oxford: Oxford University Press, 1999; WATSON, Andrew M. *Agricultural innovation in the early Islamic world: The diffusion of crops and farming techniques, 700-1100*. New York: Cambridge University Press, 1983.

trocas mercantis, trouxe para o continente africano [taro, cocoyams], gergelim, canabis sativa, limão e banana pacova¹⁰. A adoção de forma generalizada de produtos agrícolas Asiáticos no continente africano, durante o período de expansão marítima da Europa, leva-nos a crer que algumas das plantas Asiáticas, transportadas por traficantes de escravos europeus, muito provavelmente tenham sido previamente domesticadas pelos povos Africanos. O nome que os brasileiros, no século XIX, deram à soja Asiática (“amendoim Angola”), é apenas mais um exemplo que aponta para a rota destas plantas via África¹¹.

As origens de outras plantas valiosas dos trópicos do Velho Mundo continuam incertas. Por exemplo, um tipo de anil foi cultivado na Índia; um outro, na África; e com relação aos dois tipos de algodão do Velho Mundo, não se sabe exatamente se são originários da Índia ou da África¹². Também, é provável, assim como ocorrera com o arroz, que tanto o anil quanto o algodão foram cultivados independentemente. Todavia, a atenção que se tem dedicado aos resultados da domesticação de plantas na África é um fenômeno bem recente¹³. A ampla distribuição de plantas Africanas pelos trópicos do Velho Mundo aliada ao racismo que facilitava o tráfico de escravos Africanos, contribuiu, durante séculos, à percepção de que muitas das plantas e hortaliças Africanas eram originárias do Oriente.

(10) RUSSELL-WOOD, A.J.R. *The Portuguese Empire, 1415-1808*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1998.

(11) DEAN, Warren. *With broadax and firebrand*. The destruction of the Brazilian atlantic forest. Berkeley: University of California Press, 1995, p. 127.

(12) WATSON, op. Cit.; ALPERN, Stanley B. The European introduction of crops into West Africa in precolonial times. *History in Africa*, 19: 13-43, 1992; VAUGHAN and GEISLER, op. cit.; KIPLE and ORNELAS: *World history of food*; ZOHARY, Daniel and HPF, Maria. *The domestication of plants in the old world*. The origin and spread of cultivated plants in West Asia, Europe and the Nile valley. Oxford: Oxford University Press, 2000; POLLAN: *Botany of desire*. Enquanto a *cannabis sativa* tem sua origem na Ásia antiga, a sua evolução seguiu duas trajetórias distintas: a primeira, partindo da China antiga em direção ao norte da Europa, a qual envolve o uso desta planta na produção de cordas, sobretudo pela resistência e extensão de suas fibras; tal uso viera, posteriormente, a ser associado ao termo “hemp”. A segunda trajetória – agora seguindo um movimento que vai da Ásia Central à Índia e, mais além, rumo à África – a cannabis é usada em função de suas propriedades medicinais. Acredita-se que ela tenha desembarcado nas Américas enquanto erva medicinal transportada em navios negreiros. POLLAN: *Botany of desire*, p. 157.

(13) Ver, por exemplo, HARLAN, Jack; DE WET, J. and Stemler A. *Origins of African plant domestication*. The Hague: Mouton, 1976; ZOHARY and HOPF: *Plants in the Old World*; MACNEISH, Richard. *The origins of agriculture and settled life*. Norman: University of Oklahoma Press, 1992, p. 298-318; National Research Council (NRC). *Last crops of Africa*. Washington, D.C.: National Academy Press, 1996.

DOS NAVIOS NEGREIROS ÀS PLANTAÇÕES DE SUBSISTÊNCIA

A maior parte das plantas que conseguiram chegar nas Américas foram transportadas como fontes de alimentos em navios negreiros. Compradas na África como mercadoria barata para consumo dos escravos, seu estabelecimento em plantações do Atlântico Ocidental deve ser atribuído ao esforço deliberado destes passageiros desafortunados.

Relatos históricos da era de servidão transatlântica revelam a importância de produtos alimentícios Africanos para o abastecimento de navios negreiros. Depoimentos de capitães e cirurgiões a bordo destas embarcações revelam que vários tipos de gêneros alimentícios Africanos formavam a base alimentar dos navios negreiros em sua rota compulsória com destino às Américas. Observando os cereais que supriam os navios negreiros com destino a Cartagena, Colômbia, no início do século XVII, Alonso de Sandoval ressaltou a importância do milhete africano e do milho ameríndio como gêneros alimentícios cultivados pelos Africanos e destinados a venda ao longo da Costa da Guiné¹⁴. O inhame africano é considerada também um produto essencial, comercializado através da rota comercial do Atlântico, conforme consta em relato de viagem do navio negreiro Wanstead, datado de 1719; neste relato consta que “inhame e água constituem a dieta regular dos escravos”¹⁵.

O cálculo de John Barbot, datado de 1678-1679, dá uma dimensão correta da magnitude do comércio de gêneros alimentícios Africanos e da concomitante demanda pelos excessos de produção ocorrida durante um período de três séculos de comércio escravocrata através do Atlântico: “Um navio que transporta 500 escravos deve guarnecer um número superior a 100 mil inhames,” ou uns duzentos inhames por pessoa¹⁶. Em 1750, ao longo da costa Africana, o capitão John Newton comprara aproximadamente 8 toneladas de arroz para alimentar 200 escravos; John Matthews, por outro lado, calculara que um total de 700 a 1.000

(14) THORNTON, John. *Africa and Africans in the making of the Atlantic World, 1400-1680*. New York: Cambridge University Press, 1992, p. 155.

(15) LINEBAUGH, Peter and REDICKER, Marcus. *The many-headed hydra: sailors, slaves, commoners, and the hidden history of the revolutionary Atlantic*. Boston: Beacon, p. 169, 2000. A respeito da importância do comércio de inhame para os navios negreiros da Guiné-Bissau, ver também Walter Hawthorne, “Nourishing a Stateless Society during the Atlantic Slave Trade: The Rise of Balanta Paddy-Rice Production in Guinea-Bissau,” *Journal of African History*, 42:1-24, esp. 78, 2000.

(16) Gwendolyn Midlo Hall. *Africans in colonial Louisiana: The development of Afro-Creole culture in the eighteenth century*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1992, p. 163; HAIR, P.E.H., JONES, A.; LAW, R. (eds.). *Barbot on Guinea. The writings of Jean Barbot on West Africa, 1678-1712*. London: The Hakluyt Society, 1992.

toneladas de arroz seriam suficientes para alimentar os 3.000-3.500 escravos que ele havia comprado ao longo da costa de Serra Leoa¹⁷. Entre outros gêneros Africanos utilizados como alimento pelos traficantes de escravos europeus incluem-se o milhete, tamarindo, pimenta malagueta, e azeite de dendê¹⁸. A demanda por uma dieta baseada em gêneros alimentícios Africanos era reforçada ainda mais pela crença corrente, segundo a qual os escravos que se alimentavam de produtos de consumo usual aumentariam suas possibilidades de sobrevivência na grande jornada pelos mares do Atlântico¹⁹.

Mesmo antes de os portugueses contornarem o extremo sul do continente africano, em 1497, as caravelas já compravam arroz das sociedades da África Ocidental²⁰. De fato, a distribuição do arroz africano (*oryza glaberrima*), de origem oeste africana, alcançara terras portuguesas antes que suas caravelas houvessem ancorado na Ásia²¹. No início do século XVI, os escravos já cultivavam este produto nas ilhas de Cabo Verde, aproximadamente 800 quilômetros a oeste do Senegal, utilizando-se do pilão para o seu beneficiamento²². Por volta de 1513-1515, o arroz aparece na lista de produtos dos navios que partiam de Cabo Verde; em 1530, três décadas após Cabral ter atracado em portos brasileiros, as embarcações portuguesas cruzavam as águas do Atlântico transportando arroz e inhame rumo à nova colônia lusitana²³. Por volta de 1587 o arroz já havia ascen-

(17) BARRY, Boubacar. *Senegambia and the Atlantic slave trade*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 117-18.

(18) DONNAN, Elizabeth. *Documents illustrative of the history of the slave trade to America*. 4v. Washington, D.C.: Carnegie, 1930-1935, vol. 1: 393-4, 440; vol. 2: 192, 247-269, 279-288, 303-4; vol. 3: 61, 158, 293, 373-378; vol. 4: 530; HALL, Robert L. Savoring Africa in the New World. In: VIOLA, Hernan and MARGOLIS, Carolyn (eds.). *Seeds of Change*. Washington, D.C.: Smithsonian, 1991, p. 161-9. Ver Alpern, "introdução Européia," 23, acerca de uma nau Holandesa que, em 1659, alimentava com tamarindo um carregamento de escravos.

(19) WALVIN, James. *Black Ivory: A history of British slavery*. Washington, D.C.: Howard University Press, 1994, p. 50.

(20) Com relação a fontes bibliográficas que tratam da compra de arroz pelos portugueses, que remonta aos anos de 1470, ver CARNEY, Judith. African rice in the Columbian exchange. *Journal of African History*, 42 (2001b) no. 3:377-396.

(21) Este arroz era seguramente o *glaberrima*, pois o arroz asiático não havia ainda chegado no oeste da África. GODINHO, Vitorino Magalhães. *Os descobrimentos e a economia mundial*. 2 v. Lisboa: Editora Arcádia, v. 2:391-392, 1965.

(22) RIBEIRO, Orlando. *Aspectos e problemas da expansão portuguesa*. Lisboa: Estudos de Ciências Políticas e Sociais, Junta de Investigações do Ultramar, 1962, p. 141.

(23) BLAKE, J.W. *West Africa: Quest for God and Gold, 1545-1578*. London: Curzon Press, p. 91-2, 103, 1977; BROOKS, George. *Landlords and strangers. Ecology, society and trade in Western Africa, 1000-1630*. Boulder: Westview Press, 1993; RIBEIRO: *Aspectos e problemas*, p. 146-7;

dido ao “panteão” de produtos Ameríndios – mandioca e milho – que integravam a dieta brasileira; no início do século XVII, este já ocupava o segundo lugar da lista, sendo superado apenas pela mandioca²⁴.

Pode-se observar fenômeno semelhante ao que ocorre acima quando analisa-se o caso da Carolina do Sul, nos Estados Unidos. Não bastaram duas décadas de assentamento dos escravos no estado da Carolina do Sul para que estes dessem início ao cultivo de arroz de procedência Africana. Um dos primeiros desembarques de arroz na Colônia está documentado como a entrega de grãos através de uma nau negreira atracada em solo americano nos anos de 1690: “uma embarcação portuguesa aportou, conduzindo escravos do Leste e com considerável quantidade de arroz como provisão”²⁵. Suspeita-se que muito provavelmente tratava-se de arroz africano. A última década do Século XVII, na Carolina do Sul, testemunha uma dramática transformação deste produto: de gênero alimentício destinado à subsistência de escravos, o arroz torna-se um produto agrícola proeminente nas grandes plantações, cultivado pela população escrava como atividade lucrativa para os proprietários das grandes fazendas.

Enquanto um produto agrícola do tráfico transatlântico de escravos e das trocas pós-colombianas, o arroz efetivamente ilustra a perda cultural e a apropriação de conhecimento que tão frequentemente caracterizaram a botânica colonial. Populações escravizadas do oeste africano, com uma longa experiência no cultivo do arroz, acaba por transferir um sistema inteiro de conhecimento – da produção em diversos micro-ambientes ao consumo; e de métodos de controle de água a formas de processamento e cozimento – às Américas²⁶.

Não obstante, enquanto a experiência dos povos Africanos sobre o cultivo de arroz em alagados fornecia o conhecimento indispensável à emergência da Carolina do Sul como a mais lucrativa economia agrícola de base escrava, na América do Norte do Século XVIII, o arroz Asiático (*Oryza sativa*) acelerou tal

SCHWARTZ. Stuart B. *Sugar plantations in the formation of Brazilian society*. Bahia, 1550-1835. New York: Cambridge University Press, 1998, p. 84. Os grãos de arroz destinados ao semeio não passavam por qualquer processamento, de forma que sua casca, farelo, e endoderma permanecem intactos para a germinação.

(24) RIBEIRO, *Aspectos e Problemas*, p. 153. HALL, Frederick H., HARRISON, William F. and WELKER, Dorothy W. (trans. and eds.). *Dialogues of the great things of Brazil* [attributed to Ambrósio Fernandes Brandão (ca. 1618)]. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1987.

(25) COLLINSON, Peter. Of the introduction of rice and tar in our colonies. *Gentleman's Magazine*, (1766), June, 278-80.

(26) Detalhes dos sistemas de produção do oeste da África e Carolina do Sul são discutidos em CARNEY, Judith. *Black rice*. The African origins of rice cultivation in the Americas. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2001a.

transformação. O arroz Asiático produz uma safra superior ao tipo *glaberrima*, que agora sabemos tem um desempenho melhor de que o *sativa* somente quando cultivado em solos com deficiência de nutrientes, como aqueles da região de Sahel, na África Ocidental, onde este tipo foi inicialmente desenvolvido²⁷. Ele é, também, menos susceptível à quebra resultante de beneficiamento mecânico, o que indubitavelmente confere-lhe vantagem adaptativa quando comparado ao *glaberrima*; principalmente, quando consideramos que tal processo de mecanização passa a substituir o pilão, a partir de meados do século XVIII²⁸.

O sucesso do arroz enquanto um produto agrícola do sistema de *plantation* da Carolina do Sul favoreceu a intensificação de seu cultivo nas regiões de alagados ao sul da Flórida, durante aquele século. Nos anos 1750 este sistema de cultivo à margem dos rios foi reproduzido no Brasil. Na expectativa de diminuir a dependência de importações de arroz da Carolina do Sul, representantes da Coroa Portuguesa deram início à economia do cultivo deste produto em terras brasileiras.

As plantações de arroz, no Brasil, desenvolveram-se nos estados do Amapá e Pará, no leste amazônico; e, principalmente, no estado do Maranhão, no nordeste, de localização geográfica mais próxima a Lisboa e às correntes marítimas que facilitavam o transporte transoceânico. Baseando-se no modelo da Carolina do Sul, o sistema de produção envolvia o plantio das mesmas variedades de grãos Asiáticos e o uso de engenhos mecânicos movidos a água para o preparo eficiente das safras destinadas à exportação. Uma empresa comercial (Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão) foi criada para importar escravos diretamente da Guiné-Bissau, uma área de grande produção de arroz no contexto das regiões do oeste africano onde este cereal era tradicionalmente cultivado. Em apenas duas décadas, um número superior a vinte mil Africanos com experiência no cultivo de arroz foram trazidos como escravos para desenvolverem as plantações de arroz e de algodão da região²⁹.

Na África Ocidental, a cultura do arroz desenvolveu-se com o cultivo do tipo *O. glaberrima*. Embora o arroz africano não configure-se entre os produtos subsequenteiramente exportados para os mercados europeus, toda a estrutura econômica básica de produção dependia dos sistemas de conhecimento do produto que os escravos foram acumulando ao longo de sua história. Quarenta por cento

(27) NRC: *Lost Crops*.

(28) CARNEY: *Black rice*.

(29) CARREIRA, António. *A Companhia Geral do Grão Pará e Maranhão*. 4v. São Paulo: Editora Nacional, 1988, vol. 1; CARNEY, J. and MARIN, R. Acevedo. Aportes dos escravos na história do cultivo do arroz africano nas Américas. *Estudos Sociedade e Agricultura* 12: 113-133, 1999.

dos migrantes compulsórios que foram enviados ao estado da Carolina do Sul procediam de regiões indígenas de cultivo de arroz na África Ocidental; Trinta e cinco por cento destinaram-se ao nordeste Brasileiro³⁰. Tanto no Brasil como nos Estados Unidos, os escravos iniciaram o cultivo de arroz como um produto de subsistência de sua preferência. A partir deste impulso inicial os escravos vão aos poucos estabelecendo o cultivo de arroz pelo Atlântico Negro.

O sucesso do arroz enquanto o primeiro cereal a ser comercializado em escala mundial levou os cerealistas, assim como os seus descendentes, a apropriarem-se da história deste produto como uma narrativa de seus antepassados. Na Carolina do Sul, por exemplo, relatos e memórias desta história de sucesso dá relevo à genialidade de produtores pioneiros ao descobrirem produto tão adequado. Todavia, os produtores agrícolas da colônia eram originários de áreas inglesas e francesas (huguenotes) recentes e sem qualquer tradição no cultivo de arroz. Ao contrário de seus escravos oeste africanos, estes não possuem experiência prévia em métodos complexos de controle de água que permitiam o cultivo de arroz em regiões alagadas. No caso do Brasil, a história do arroz focaliza o início do período colonial, num momento em que o cultivo de arroz destina-se à subsistência. A historiografia brasileira atribui a introdução deste cereal, no país, aos colonizadores provenientes dos Açores e de Portugal. Porém, o arroz jamais fora plantado nestas ilhas do arquipélago Atlântico. Embora os portugueses, ainda que de forma efêmera, tenha lidado com o cultivo de arroz durante o domínio Muçulmano na Idade Média, a sua produção já há muito havia desaparecido à época em que o seu cultivo passara a ser prática comum no Brasil do Século XVI³¹.

Enquanto a memória dos produtores nos Estados Unidos procura imortalizar a sua genialidade em desenvolver um produto sobre o qual não dispunham de conhecimento prévio, uma memória social distinta da história do arroz sobrevive no meio dos descendentes de escravos fugitivos no Nordeste da América do Sul. Em áreas geograficamente isoladas dos mocambos de Suriname e Caiena, assim como em comunidades constituídas a partir de escravos libertos das plantações de arroz e algodão do Amapá, Pará e Maranhão, testemunhos orais descrevem uma história diferente. Em que pese as variações de detalhes, várias lendas comemoram o arroz como um produto trazido da África por intermédio de seus ancestrais. Uma destas lendas narra, por exemplo, a astúcia e o heroísmo de

(30) Cifras baseadas em ELTIS, David Eltis, BEHRENDT, Stephen D. et al. (eds.). *The Trans-Atlantic slave trade: A database on CD-ROM*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

(31) Para a história do arroz em Portugal, ver SILVA, Manuel Vianna e. *Elementos para a história do arroz em Portugal*. Coimbra: Grémio da lavoura da beira Litoral, 1955. Na Carolina Sul, CARNEY: *Black rice*, op. cit.; sobre a sua introdução nos Açores, PEREIRA, José Almeida. *Cultura do arroz no Brasil*. Teresina, Piauí: EMBRAPA, 2002.

uma escrava negra que, ao deixar a África, traz consigo grãos de arroz dissimulados nos seus cabelos. Assim o arroz chega às Américas, conta-nos esta lenda. Curiosamente, consta que as comunidades negras dos quilombos teriam recebido grãos de arroz de escravas negras, as quais teriam escondido-os em seus cabelos quando fugiam das grandes plantações. Em suma, a lenda fundante, a que acabamos de nos referir, atribui aos escravos Africanos a introdução do arroz ao mesmo tempo em que destaca a sua dispersão a partir da África; esta tradição, igualmente, ressalta o papel da mulher no transporte de grãos através da rota comercial transatlântica³². Assim, os descendentes de comunidades negras africanas acabam recrudescendo uma memória social do arroz como produto alimentício trazido da África por seus antepassados.

Poder-se-ia argumentar, então, que muitas das sementes das trocas intercontinentais eram plantadas durante a estação das chuvas, sob regimes pluviais adequados e que não se deve subestimar a importância das mesmas quando se avalia a tecnologia e conhecimento necessários ao seu manuseio e controle. Entretanto, o arroz suscita algumas indagações a respeito desta perspectiva. No Brasil do século XVI, assim como na Carolina do Sul do século XVII, os escravos cultivavam arroz tanto nas regiões beneficiadas estritamente pelas chuvas quanto nos alagados às margens dos rios. Se o cultivo de sementes sob condições pluviométricas adequadas pode culminar em boa colheita, como foi o caso da experiência dos colonos Ingleses na colônia de Virgínia, Estados Unidos, nos anos de 1640, a produção de arroz em áreas alagadas requer conhecimento sofisticado no controle de inundações e drenagem. Nem os ingleses, os franceses huguenotes ou os portugueses praticavam este tipo de agricultura antes do seu aparecimento nas Américas, durante o período colonial³³.

Até a segunda metade do século XVIII a cultura do arroz era dependente da forma como os Africanos processavam este cereal, ou seja, descascando-o no pilão. As descrições mais remotas sobre beneficiamento de arroz, tanto na Carolina do Sul quanto no Brasil, fazem referência ao uso do pilão, instrumento tradicional através do qual todos os cereais eram processados na África. De fato, o pilão era um símbolo bastante significativo do trabalho extenuante da mulher escrava no processamento de alimentos³⁴. Mas, esta ferramenta de trabalho representa mais do que a árdua tarefa de pilar o arroz, horas a fio, e fisicamente

(32) CARNEY, pesquisa de campo, July 2002.

(33) LITTLEFIELD, Daniel C. *Rice and slaves*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1981.

(34) KARASCH, M. Slave Women on the Brazilian Frontier in the Nineteenth Century. In: GASPAR, David B. and HINE, Doreen C. (eds.). *More than Chattel*. Bloomington: University of Indiana Press, 1996, p. 86.

movimentar um peso de 3 a 5 quilos pelos braços; esta forma de beneficiamento de arroz pressupõe certa habilidade de quem a pratica: a habilidade de remover as cascas do cereal sem, contudo, triturar os grãos. Os estudos que procuram atribuir aos europeus a introdução do arroz na economia mundial não dão conta de explicar como o pilão, um instrumento que não foi utilizado no beneficiamento deste produto na Europa, torna-se o único método de processamento a partir do início mesmo de seu cultivo nas Américas³⁵. A cultura do arroz no início do período colonial dependia de uma tecnologia de beneficiamento, que era a maneira como todos os cereais já vinham, de longo tempo, sendo processados na África. De todas as ilhas do arquipélago Atlântico colonizadas pelos portugueses, o pilão foi encontrado somente em Cabo Verde, a oeste de Senegal, e região nativa de produção de arroz pelos povos Africanos³⁶.

Conseqüentemente, a cultura do arroz nas Américas envolve muito mais que a transferência de sementes através do Atlântico. Esta cultura depende da presença dos povos da África Ocidental. Estes, por sua vez, munidos de experiência e conhecimento, adaptam o arroz aos novos contextos geográficos. Ao procurarem estabelecer um produto essencial à sua subsistência, os escravos acabaram transferindo uma cultura inteira do arroz, que vai do cultivo às diferentes formas de cozimento, passando pelas técnicas de beneficiamento. Até os dias de hoje, o arroz mantém a sua importância na culinária das populações negras nas Américas.

SEMENTES DE APROPRIAÇÃO, SEMENTES DE PODER

Faz séculos os estudiosos do arroz têm ignorado o fato de que as origens do cultivo deste cereal nas Américas provêm da África Ocidental e não da Ásia ou Europa. Como consequência disso, creditou-se ao português a introdução do arroz na África Ocidental, por intermédio de suas viagens de retorno do continente Asiático. De forma semelhante, os europeus e euro-americanos são considerados os responsáveis pelo estabelecimento e disseminação deste produto pelas Américas. Estas perspectivas, por muito tempo tidas como inquestionáveis, não foram objeto de revisão crítica até o século XX, mesmo que o arroz africano constasse dos primeiros registros históricos sobre a exploração da Costa da Guiné; e apesar de está documentada a dependência dos escravos em relação ao cereal e outros gêneros alimentícios básicos durante o comércio de escravos pelo Atlântico.

(35) CARNEY, Judith. Rice milling, gender and slave labour in colonial South Carolina. *Past and Present*, 153: 108-134, 1996.

(36) RIBEIRO: *Aspectos e problemas*, p. 141.

co. Apenas mais recentemente, estudiosos do Ocidente têm questionado a visão segundo a qual os Africanos tão somente contribuíram com a sua mão-de-obra no processo de disseminação do cultivo de arroz nas Américas³⁷.

As teses de que os portugueses teriam introduzido o arroz da Ásia à África Ocidental, antes de sua chegada às Américas com a colonização Européia, foram aos poucos perdendo sentido. É somente no final do século XIX, com o início do colonialismo, que os botânicos franceses começam a investigar as características do arroz vermelho encontrado no cultivo agrícola da África Ocidental. Suas peculiaridades levaram a uma reavaliação das variedades botânicas coletadas da região produtora de arroz do oeste africano, durante meados do século XIX. Esta análise revelou que tais espécies possuíam as mesmas características botânicas do arroz cultivado no Sahel, região de ocupação francesa, confirmando a suspeita de que tratava-se de arroz distinto daquele produzido na Ásia. Em meados do século XX, o arroz africano já era reconhecido universalmente como uma espécie independente, domesticada nos terrenos alagados às margens do Rio Níger, em Mali³⁸.

Conclui-se, então, que os europeus e os europeus-americanos acabaram expropriando a história da cultura do arroz em seu próprio benefício; conseqüentemente, ao alijar as populações Africanas de uma contribuição importante para as Américas, estes intensificaram um projeto colonial construído em relações de poder desiguais, que privilegiam aspectos mercantis de transferência de sementes em detrimento da base cultural e de conhecimento responsáveis pelo estabelecimento de uma planta.

O discurso obscurantista das indústrias e dos intelectuais do ocidente acerca do problema contemporâneo da bio-pirataria revela que a ênfase continua na semente e nos processos de obtenção de patentes, aos invés de questões éticas relativas à desapropriação de uma herança botânica desenvolvida originalmente por outras culturas.

Não obstante, o reconhecimento do arroz tipo *glaberrima*, como uma espécie distinta, não produziu os efeitos desejados para desarticular um discurso colonialista e racista. Ao compararem a herança Africana com a Asiática, estas

(37) Os principais responsáveis por esta mudança de perspectiva são: PORTÈRES, Roland. Primary cradles of agriculture in the African continent. In: FAGE, J. D. and OLIVER, R. A. (eds.). *Papers in African prehistory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 43-58; CLOWSE, Converse C. *Economic beginnings in colonial South Carolina 1670-1730*. Columbia: University of South Carolina, 1971; WOOD, Peter. *Black majority*. New York: Knopf, 1974; LITTLEFIELD. *Rice and slaves*.

(38) PORTÈRES, op. cit.

perspectivas, minimizaram as contribuições dos povos Africanos, conseqüentemente valorizando modelos de evolução cultural que colocam a África num nível inferior. O agrônomo Francês Pierre Viguier contemplou tais pontos de vista nos anos 1930 quando este referia-se à incapacidade da África de cultivar arroz irrigado, como um exemplo de suas limitações produtivas. "Cultivo de arroz irrigado e cultivo de arroz por submersão; esta é a diferença entre as civilizações Asiática e Africana", escreve Viguier, privilegiando a irrigação por meio de canais, ao invés de processos irrigatórios baseados no fluxo das águas dos manguezais. Ainda que exemplos de irrigações baseadas no fluxo das águas dos manguezais proliferassem pela Costa da Guiné, não acreditava-se que este sistema era originário da África; ao contrário, a sua presença era atribuída aos portugueses. As observações de Viguier foram feitas no interior do semi-árido Sahel, e ao longo dos mangues. Este, assim como outros agrônomos que o sucederam, não foram capazes de compreender o princípio de manipulação adequada do solo nas regiões de mangues. Ao se evitar o uso de canais de drenagem nos terrenos cultivados, as águas dos mangues irrigavam o arroz plantado às margens dos rios; ao mesmo tempo, as sobras de palhas, após a colheita, serviam de alimento para o gado, a principal fonte regional de suprimento de proteína³⁹.

Não obstante, a tradição de pesquisa francesa que consolidara o arroz africano como um tipo independente levanta a hipótese de que o *glaberrima* possivelmente deve ter chegado às Américas. Esta hipótese é confirmada mais tarde, quando um botânico Francês descobriu o cultivo de arroz em Caiena, na Guiana Francesa, durante os anos 1930, num povoamento originalmente estabelecido por escravos fugitivos. Este produto é encontrado, novamente, durante os anos 1950, nas proximidades de uma ex-fazenda de açúcar, em El Salvador⁴⁰.

Enquanto o século XIX faz do arroz uma narrativa a respeito da engenhosidade das populações brancas e o século XX, em parte, a desconstrói, as ações de alguns proprietários de escravos do século XVIII sugerem uma compreensão diferente do fenômeno. Num século que testemunhou a escravização de Africanos em números sem precedentes, predominava um conhecimento mais generalizado acerca

(39) VIGUIER, Pierre. *La riziculture indigène au Soudan Français*. Paris: Larouse, 1939, p. 2.

(40) VAILLANT, A. Milieu cultural et classification des variétés de riz des Guyanes français et hollandaise. *Revue Internationale de Botanique Appliquée et d'Agriculture Tropicale*, 33:520-29, 1948; PORTÈRES, Roland. Presence ancienne d'une variété cultivée d'*Oryza Glaberrima* en Guyane française. *Journal d'Agriculture Tropicale et de Botanique Appliquée*, 11, no. 12, p. 680, 1955; PORTÈRES, R. Historique sur les premiers échantillons d'*Oryza Glaberrima* St. recueillis en Afrique. *Journal d'Agriculture Tropicale et de Botanique Appliquée*, 11, nos. 10-11: 535-537, 1955; PORTÈRES, R. Riz spontané et riz sauvages en El Salvador (Amérique Centrale). *Journal d'Agriculture Tropicale et de Botanique Appliquée*, 7, nos. 9/10: 441-46, 1960.

do cultivo de arroz na África Ocidental e sobre a região enquanto fonte produtora de vários tipos do produto. Proprietários de escravos de visão, como foi o caso de Thomas Jefferson, por exemplo, utilizou-se de suas conexões mercantis para adquirir sementes para a produção de arroz de cultivo dependente das chuvas. Jefferson queria reorientar a ênfase produtiva das grandes fazendas da Carolina do Sul e do estado Georgia, substituindo o cultivo nos alagados pelo cultivo baseado nas chuvas, porque o “[sistema] que eles possuem atualmente, o qual demanda que todo o interior fique submerso nas águas durante uma estação do ano, mata anualmente um grande número de pessoas em decorrência de doenças fatais”⁴¹. Preocupado com os efeitos letais da malária nas populações brancas Jefferson passou a inquirir, junto aos capitães das embarcações que operavam ao longo da Costa da Guiné, sobre algum tipo de arroz que pudesse ser cultivado em solos mais elevados e com o auxílio das chuvas, aos invés do cultivo em áreas pantanosas.

Um pedido feito por Jefferson a um traficante de escravos da Guiné resultara no despacho de um navio carregado de sementes. Ele remetera parte destas sementes para Sociedade Agrícola de Charleston, assim como para um conhecido seu na Georgia, e utilizara as sementes restantes para plantá-las em Monticello. Jefferson escrevera que o arroz crescera em abundância, no período de dois a três anos em que ele o plantara, mas que não dispunha “de instrumentos para descascá-lo”⁴². Algumas pistas sugerem que as sementes que chegaram a Jefferson eram arroz africano: a falta de provas convincentes de que o gênero **sativa** era amplamente cultivado na Guiné durante esta época; o lugar destacado da área enquanto um centro produtor de variedades de arroz típico de terrenos mais elevados; e, por último, a dificuldade que este encontrara em relação ao seu beneficiamento. O problema notório da quebra de grãos de **glaberrima**, quando o beneficiamento deste produto era feito através de processos mecanizados, contribuiu para colocar um fim nos esforços de Jefferson em substituir as sementes para a produção comercial.

Todavia, os esforços do presidente Jefferson para recriar o cultivo de arroz próprio de terrenos secos, possivelmente tenham levado os escravos a cultivá-lo e mantê-lo em suas plantações. Em 1802 John Drayton, natural das Carolinas, escrevia que “além dos tipos branco e dourado” (variedades Asiáticas do gênero *sativa* produzidas para exportação), os escravos cultivam outras variedades de arroz em suas plantações. “Há algumas outras, no estado, ainda que de pequena importância ou consequência; e plantadas quase que exclusivamente pelos ne-

(41) HESS, Karen. *The Carolina rice kitchen: The African connection*. Columbia: University of South Carolina Press, 1992, p. 19.

(42) BETTS, E. M. *Thomas Jefferson's garden book, 1766-1824*. Philadelphia: American Philosophical Society, 1944, p. 381. Quote from December 1, 1808.

gros. São conhecidas pelas denominações de *arroz da Guiné*, [*bearded rice*] um *arroz de grãos miúdos*, que leva a semelhança de cevada, e um gênero de *arroz de terrenos elevados* [original em itálico]⁴³. A escolha do topônimo Guiné para denominar este tipo de arroz é indicativo de um entendimento amplo de que o mesmo veio da África e que, provavelmente, chama-se *glaberrima*.

Assim, a disseminação de plantas e sementes Africanas através do Atlântico não pode ser compreendida de forma desvinculada do tráfico de escravos, o qual deixa uma marca indelével no sistema de trocas pós-colombianas. É precisamente esta consciência histórica que está presente nas lendas dos quilombos sobre a cultura do arroz. As embarcações negreiras que cruzaram a rota do comércio pós-Colombiano, transportando provisões e contingentes humanos Africanos, apenas serviram de meios para a chegada de sementes nas regiões costeiras do Atlântico ocidental. O estabelecimento destas sementes foi possível através do esforço das populações escravas em cultivar plantas que constituíam parte de sua herança cultural; herança esta simbolizada, como vimos há pouco, na imagem da mulher escrava que dissimula grãos de arroz pelos seus cabelos. É esta história que nos leva a concluir que as trocas comerciais na rota do Atlântico foram também marcadas pela influência dos escravos Africanos.

REMANDO CONTRA A MARÉ: OS JARDINS BOTÂNICOS DOS EXCLUÍDOS

Enquanto os produtos agrícolas Africanos desembarcam nas Américas por intermédio de navios negreiros, o seu estabelecimento aqui somente irá ocorrer através dos esforços de escravos e de seus quilombos no sentido de cultivá-los. Os povos africanos e seus descendentes, através de trabalho e muita dedicação, conseguem influenciar os sistemas agrícolas e os recursos botânicos das Américas⁴⁴. Desta maneira, muitas plantas, originalmente cultivadas em regiões africanas de origem agrícola, promoviam formas de identidade cultural através de seu consumo como alimentos, remédios, e, também, por meio de oferendas e práticas litúrgicas de caráter sincrético-religioso.

A narrativa histórica sobre a produção de gêneros alimentícios na África revela que tais produtos eram plantados em áreas destinadas à subsistência, nas hortas caseiras dos escravos e em lotes cultivados pelos quilombos⁴⁵.

(43) DRAYTON, John. *A view of South Carolina*. Columbia: University of South Carolina Press, 1972 [1802], p. 125.

(44) CARNEY, Judith Carney VOEKS, and Robert. Landscape legacies of the African diaspora in Brazil. *Progress in Human Geography*, forthcoming.

(45) CARNEY: *Black Rice*.

Neste sentido, as áreas de subsistência dos escravos servem como uma experiência paralela de cultivo em relação às sementes comercializadas pelas instituições científicas e jardins botânicos europeus e euro-americanos, dos quais participava, entre outros, o presidente Jefferson⁴⁶. Dois exemplos de produtos nativos da África e que foram estabelecidos através das preferências alimentares dos escravos – pois estes não eram consumidos pelas populações brancas – são: [the ackee apple (*Blighia sapida*), utilizada na culinária Jamaicana; e o baobá, cujos frutos são ainda consumidos em St. Croix, na Jamaica⁴⁷. Com a notável exceção do arroz, as populações brancas das Américas não deram muita importância às plantas domésticas cultivadas pelos escravos a menos que elas apresentassem potencial de mercado – observação que o historiador Joyce Chaplin faz em relação ao sul dos Estados Unidos.

Eles desenvolveram experiências com produtos verdadeiramente tropicais, e procedentes de áreas pouco conhecidas, somente se estes produtos já haviam sido bem sucedidos nas regiões europeizadas das Índias Ocidentais... Em vez de importar as safras Africanas, os produtores as descobriam, com mais frequência, nos pomares de seus escravos. No que tange a estes produtos, os negros foram de fato os verdadeiros aventureiros, pois dependiam de uma rede de intercâmbio transatlântico muito diferente daquela que emanava da Sociedade Real. Durante o comércio de escravos do Atlântico, os negros foram gradativamente transferindo as plantas Africanas (i.e. gergelim, sorgo, quiabo)... para as terras onde estes eram mantidos em cativeiro. Os brancos descobriram a utilidade de produtos cultivados pelos negros somente após perceberem a existência de mercado externo para os mesmos ⁴⁸.

Nesta perspectiva, as populações negras seguiram as práticas de seus ancestrais Africanos, os quais, mesmo antes do tráfico de escravos pelo Atlântico, já tinham desenvolvido três centros originais de domesticação de plantas e adaptado vários gêneros Asiáticos ao seu sistema alimentar. Seu conhecimento agrônomo continua a contribuir para a sobrevivência na América tropical e subtropical, mesmo quando estas populações eram submetidas à escravidão dos grandes engenhos. Em suas próprias plantações, os escravos asseguravam a sobrevivên-

(46) RASHFORD, John. The Search for Africa's baobab tree in Jamaica. *Jamaica Journal* 20, n. 2: 2-11, 1987; RASHFORD, John. Those that do not smile will kill me: The ethnobotany of the ackee in Jamaica. *Economic Botany*, 55, n. 2: 190-211, 1987.

(47) RASHFORD: *The Search for Africa's...*; RASHFORD: Those that do not smile...

(48) CHAPLIN, Joyce. *An anxious pursuit*. Agricultural innovation and modernity in the lower South, 1730-1815. Chapel Hill: University of North Carolina, 1993, p. 156.

cia de plantas Africanas úteis à subsistência, cura de doenças, rituais e resistência. O universo paralelo da troca de produtos de origem agrícola iniciado pelos negros foi possível graças ao seu direito ao cultivo de pequenas plantações domésticas, à troca de plantas com outros escravos e, possivelmente, aos contatos mantidos com marinheiros africanos e cozinheiros a bordo de navios negreiros incumbidos do transporte de sementes. Ao mesmo tempo em que a memória de uma contribuição africana é celebrada nas lendas dos quilombos da América do Sul, torna-se imperativo que todos os habitantes das Américas reconheçam o legado cultural destes povos, apesar de seu sofrimento infável⁴⁹.

ABSTRACT: The revolutionary plant and ecological exchanges that accompanied European maritime expansion after 1492 is now widely appreciated. So, too, is the significance of plants new to Europeans for changing food preferences, cuisines, economies, and commerce over a much broader area of the world. The role of Amerindian maize and manioc in West Africa has received ample attention, as has Asian rice in the region. But the literature on the Columbian Exchange remains remarkably silent on the diffusion of indigenous African plants elsewhere and the means by which they dispersed. To do so, as this paper reveals, requires addressing the Atlantic slave trade in their dissemination as well as the role of enslaved Africans in establishing preferred dietary staples in the Americas.

This paper examines the plants of African origin that became central to subsistence and economy in the era of plantation slavery. Three centers of agricultural domestication in sub-Saharan Africa contributed to the diversity of plant resources that sustained millions subsequently swept into transatlantic enslavement. The establishment of these crops in the Americas occurred through the “botanical gardens” of the dispossessed: plantation subsistence fields, dooryard gardens, and in agricultural plots of maroon communities. In drawing attention to the African diaspora as one of plants as well as people, emphasis is placed on indigenous African knowledge systems. The expression of these knowledge systems in landscapes of bondage reflected prevalent power relations, food preferences, cultural identity, and struggles over the work process. In profiling the African plants established in the Americas, this paper seeks to correct a distortion in narratives of the Columbian Exchange, which remain centered on European agency, crops of Amerindian and Asian origin and Africa as a backwater of global plant transfers. The objective is to promote historical recovery of the African role in colonial botany.

(49) Acerca do papel dos africanos que trabalhavam a bordo dos navios negreiros, consulte BOLSTER, W. Jeffrey. *Black Jacks: African American seamen in the age of sail*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997; LINEBAUGH and REDICKER: *The many-headed hydra*.

Keywords: African Diaspora; African plants; Post-Colombian exchanges; Slavery; Feeding; Identity

ANEXO

TRÊS CENTROS AFRICANOS DE DOMESTICAÇÃO DE PLANTAS(1) **:

As Savanas da África Ocidental

<i>Adansonia digitata</i>	Baobá
<i>Brachiaria deflexa</i>	Guiné Millet
<i>Ceratotheca sesamoides</i>	Folhas e sementes
<i>Citrullus lanatus</i>	Melancia
<i>Corchorus olitorius</i>	Potherd
<i>Digitaria exilis</i>	Fonio
<i>Digitaria iburua</i>	Fonio preto
<i>Hibiscus cannabinus</i>	Kenaf
<i>Hibiscus sabdariffa</i>	Roselle
<i>Lagenaria siceraria</i>	Cabaça
<i>Oryza glaberrima</i>	Arroz africano
<i>Parkia biglobosa</i>	Feijão de locust
<i>Pennisetum glaucum</i>	Milhete [Pearl millet]
<i>Polygala butyracea</i>	Gergelim: semente preto
<i>Sesamum alatum</i>	Gergelim: folhas
<i>Sesamum radiatum</i>	Gergelim: folhas
<i>Solanum aethiopicum</i>	Tomate africano
<i>Solanum incanum</i>	Tomate amargo
<i>Solanum macrocarpon</i>	Nightshade
<i>Vitellaria paradoxa</i>	Karité ou manteiga de shea

** Nomes em inglês quando o português é desconhecido

O Centro-Oeste Africano Tropical

<i>Aframomum melegueta</i>	Pimenta malagueta
<i>Blighia sapida</i>	Maça de akee
<i>Cajanus cajan</i>	Andu
<i>Coffea canephora</i>	Café (robusta)
<i>Cola acuminata</i>	Noz-de-cola
<i>Cola nitida</i>	Noz-de-cola
<i>Cucumeropsis edulis</i>	Semente da África
<i>Digitaria decumbens</i>	Capim Pangola
<i>Dioscorea bulbifera</i>	Inhame batata [Air potato yam]
<i>Dioscorea cayenensis</i>	Inhame amarelo da Guiné
<i>Dioscorea dumetorum</i>	Inhame amargo
<i>Dioscorea praehensilis</i>	Inhame arbusto
<i>Dioscorea rotundata</i>	Inhame branco da Guiné
<i>Elaeis guineensis</i>	Azeite de dendê
<i>Gossypium herbaceum</i>	Algodão
<i>Hibiscus esculentus</i>	Quiabo, gumbo
<i>Kerstingiella geocarpa</i>	Kersting's groundnut
<i>Lablab niger</i>	Feijão hyacinth
<i>Piper guineense</i>	Semente piper
<i>Pennisetum purpureum</i>	Capim de elefante
<i>Plectranthus esculentus</i>	Batata de Kaffir
<i>Solenostemon rotundifolius</i>	Piasa
<i>Sphenostylis stenocarpa</i>	Ervilha de inhame
<i>Sesamum indicum</i>	Gergelim
<i>Tamarindus indica</i>	Tamarindo
<i>Telfairia occidentalis</i>	Cabaça
<i>Vigna unguiculata</i>	Feijão fradinho, macassar
<i>Vigna subterranea</i>	Bambara groundnut

O Leste Africano

<i>Avena abyssinica</i>	Aveia etíope
<i>Catha edulis</i>	Chat
<i>Coffea arabica</i>	Café (arabica)
<i>Eleusine coracana</i>	Finger millet
<i>Ensete ventricosa</i>	Ensete
<i>Eragrostis tef</i>	Tef
<i>Guizotia abyssinica</i>	Noog
<i>Lablab purpureus</i>	Feijão de hyacinth
<i>Panicum maximum</i>	Capim da Guiné
<i>Pennisetum clandestinum</i>	Capim de Kikuyu
<i>Ricinus communis</i>	Feijão de castor/mamona
<i>Sorghum bicolor</i>	Sorgo

(1) Adaptado de: Jack Harlan. *Crops and man* (Madison, 1975), 71-72; Richard MacNeish, *The origins of agriculture and settled life* (Norman, 1992), 298-318; J.G. Vaughan and C.A. Geissler *The New Oxford book of food plants* (Oxford, 1999), 10, 26, 38, 128, 174.